

O ROMANCE *SATOLEP* COMO LUGAR DE MEMÓRIA

MARLISE BUCHWEITZ KLUG¹; TATIANA BOLÍVAR LEBEDEFF²

¹Universidade Federal de Pelotas – <marlise_klug@yahoo.com.br>

²Universidade Federal de Pelotas – <tblebedeff@gmail.com>

1. INTRODUÇÃO

O romance *Satolep*, do escritor pelotense Vitor Ramil, possibilita conhecer uma cidade caracterizada pelo frio, cuja lembrança Selbor – o fotógrafo de *Satolep*, cidade palco da narrativa – procura deixar registrada através do relato de seu percurso e através de um conjunto de fotografias feitas por ele, acompanhadas de textos descrevendo cada uma das imagens. Selbor parte, ainda jovem, em busca de coisas distantes, distintas... Anos depois, algo inesperado, uma sensação de que nada mais era seu, longe de *Satolep*, o traz de volta e o faz sentir aquela cidade fria como sua. Ao mesmo tempo, a cidade para a qual volta destoa consideravelmente daquela que deixou muito tempo antes, a tal ponto que inquietações, conflitos, estranhamento, são alguns dos sentimentos que se inserem no corpo e na mente de Selbor. A memória congelada da cidade da sua infância constantemente lhe incute lembranças. Assim, ao longo de toda narrativa, acompanhamos o percurso desta personagem com relação ao seu lugar, o qual se modificou pela ação de seus habitantes e é também responsável pela formação de seus cidadãos.

Além disso, destaca-se o fato de que o livro constitui-se de três narrativas: as vinte e oito fotografias dispostas ao longo do romance, os textos em itálico que se referem a cada uma das fotografias – estas duas dispostas em páginas pretas –, e, o longo relato em fonte normal que conta o percurso de Selbor pela cidade, escrito em páginas brancas. Numa interpretação particular, define-se a narrativa em fonte normal como sendo o relato de Selbor sobre suas andanças, primeiro para cidades ao Norte e depois pela sua cidade natal *Satolep*. Por outro lado, as imagens apresentadas ao longo do livro e seus respectivos textos são uma espécie de diário e a tradução de uma cidade interpretada por Selbor e por outros narradores, são a visão deles para este lugar, um espaço embelezado pelo frio. Ao mesmo tempo em que faz uma tradução da cidade na fotografia e no texto, o personagem também faz uma tradução da fotografia para o texto. E, esse conjunto serve para guardar a memória de *Satolep* conforme a via e entendia, através do seu olhar de fotógrafo, mas, também, de alguém que tinha um apreço especial por aquele ambiente, misto de pedra e nuvem e frio e umidade – esse olhar do personagem ora descrito pode ser confundido com o olhar do escritor.

Desse modo, a análise, que ora pretende-se dar continuidade na tese de doutorado no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, terá seu foco na narrativa das fotografias – imagens reais que compõem o acervo fotográfico da cidade de Pelotas – e na narrativa grifada em itálico. Estas duas narrativas são compostas de fatos reais do passado e do presente de *Satolep* – ou pode-se dizer que são também fatos históricos da cidade de Pelotas – juntamente com escritos ficcionais dos narradores fictícios de *Satolep*, num misto de temporalidade e de ficção e realidade. Considerando-se, assim, totalmente relevante uma análise do romance *Satolep* do escritor pelotense Vitor Ramil, o qual se configura numa leitura ímpar e particular da cidade de Pelotas, cidade real do sul do estado do Rio Grande do Sul, a qual possui fatos históricos

reais espelhados no romance e que não só é palco de toda a narrativa literária, como também é uma personagem do romance, visto que interfere na formação de um indivíduo enquanto este também molda a cidade.

Em relação a esse intento, pode-se dizer que se constituirão objetos de investigação da pesquisa algumas questões que são: a cidade no presente e no passado e sua relação com o indivíduo, a história da cidade, a memória, o espaço e o contexto da cultura, a troca de significação no tempo e no espaço da paisagem urbana, a configuração de cidade feita pelo escritor na literatura a partir de um lugar real, tudo isso para resolver a questão inicial que este trabalho propõe analisar: a Literatura é lugar de Memória Social? Essa questão deverá ser respondida através do estudo de caso do romance *Satolep*, e as considerações finais podem servir para outros textos literários ou não, de acordo com o entendimento daqueles que virem a estudar outros exemplos da Literatura que possam, de alguma forma, relacionar-se com o campo teórico da Memória.

Para resolver tais questões, teorias de diferentes campos do saber servirão de fundamento teórico para dar suporte às premissas defendidas. Algumas leituras básicas são autores como Halbwachs, Nora e Candau, que são imprescindíveis para discutir se a Literatura pode ser entendida como um lugar de memória ou, um suporte de memória. Essa será a questão primordial em destaque no presente trabalho, momento em que buscar-se-á refletir sobre as considerações parciais definidas. Ou seja, num primeiro momento, uma questão fundamental a ser pensada refere-se à definição de Lugar de Memória. Assim, como parte inicial da tese de doutorado em andamento e, como resultado parcial, buscar-se-á destacar o que já é possível observar nessa etapa da tese – após um período de seis meses desde o início das atividades de pesquisa.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos da etapa inicial da referida pesquisa incluíram leitura de textos sobre os assuntos delineados a partir do objeto – o romance *Satolep*.

Num primeiro momento, textos sobre memória, lugar, identidade, suporte de memória e questões afins serviram de base para destacar alguns resultados parciais. Assim, como exemplo, tem-se a teoria de Piere Nora que serve de fundamento inicial para resolver a questão do lugar de memória. Além disso, um texto da autora Sônia de Castro Lopes, denominado “Imagens de um lugar de memória da Educação Nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930” também ajudará a desenvolver o tema.

A partir das leituras mencionadas, traçam-se definições que servirão de base para todo o trabalho de pesquisa daqui em diante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, para pensar a questão referente a um lugar de memória, deve-se levar em consideração que para ser lugar de memória, segundo NORA (1993) há que cumprir três funções: material, funcional, simbólica (p.13). Para o autor

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] se o que eles defendem não

estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los [...] (NORA, 1993, p.13).

Assim, pois a memória está ameaçada pelo esquecimento, daí a necessidade da criação dos lugares de memória. Na concepção atual de sociedade, em que se vive sempre o momento presente e em que cada vez mais novos acontecimentos substituem fatos anteriores, lembra-se de algo é quase que uma faculdade para poucos. Nossas mentes ocupadas não se focam mais tanto no passado e voltam-se constantemente para o presente, deixando para as memórias virtuais o armazenamento das coisas que podemos “esquecer”.

Anterior a essa discussão em relação ao lugar de memória, pode-se pensar na relação entre memória e história também discutida por NORA (1993). O autor questiona o papel da História sobre a versão oficial dos fatos acontecidos em certo espaço e em determinado momento, pois “o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p.17). Em relação a isso, pode-se dizer que não mais somente os marginalizados da história oficial vivem a obsessão da recuperação do passado, mas “todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens” (NORA, 1993, p. 17).

Dessa forma, tem-se que as memórias de cada indivíduo particular compõem a memória do local em que viveu, assim como as memórias dos demais constituintes do grupo de habitantes desse local também farão parte dessa composição. Nesse sentido, pode-se pensar na definição memória coletiva de HALBWACHS (1990), para quem as memórias individuais são pontos de vista da memória coletiva. Já que ao registrar sua memória, ao evocar seu passado, cada ser sempre recorrerá às lembranças dos outros.

A partir disso, pode-se pensar no romance *Satolep* como um registro das memórias de vários indivíduos – todos aqueles que deixaram seus textos registrados sobre uma das fotografias presentes no livro – as quais não poderiam ser realizadas sem que se recorresse às lembranças de outros, quer seja algum livro histórico da cidade de Pelotas quer sejam relatos orais de habitantes do local. A escritura do texto como registro de algo que se perdeu, ou que pode ser perdido pelo esquecimento, manifesta-se como uma necessidade de guardar, de deixar para que outros vejam o que ali aconteceu, e quem por ali viveu (RAMIL, 2008). Mas pode-se considerar o romance como um lugar de memória?

Para tentar responder essa questão, é necessário pensar, inicialmente, nas imagens fotográficas. Lopes (2008) ao descrever o papel dos periódicos do Instituto de Educação, destaca o fato de que eles servem como “veículo construtor de memória” (LOPES, 2008, p. 84). Ou seja, os livros compostos por fotografias de momentos passados no Instituto são para a autora como que suportes de memória, pois podem dar indicações dos fatos ocorridos, mas não são descrições exatas dos mesmos.

4. CONCLUSÕES

Esta investigação, como já comentado, está no início de seu desenvolvimento, sendo que até o presente momento foram realizadas apenas pesquisas bibliográficas concernentes a relação entre Literatura e lugar de memória. A partir das reflexões teóricas de diferentes autores, pode-se observar o quão ampla é essa discussão em relação à definição da Literatura como lugar ou

como suporte de memória. Portanto, muito ainda há que se analisar para definir qual a melhor nomenclatura para o estudo de caso do romance *Satolep* em relação à memória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, Sônia de Castro. Imagens de um lugar de memória da Educação Nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930. **Revista Brasileira de Educação**. v.13, n.37, p. 84-97. jan./abr. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, dez 1993. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.